

Quando se decidirá pôr em liberdade os operários que se encontram nos fortes, vítimas inocentes duma maquinação perversa?

## A Comuna de Paris

Faz hoje 51 anos que foi proclamada a Comuna de Paris. Meio século decorren já sobre esse acontecimento revolucionário social que deu o primeiro abalo forte ao poderio burguês. Gesto fecundo foi esse, o dos revolucionários da Comuna. Ele foi, primeiro que tudo, o protesto formidável do povo sofrido contra o militarismo que corrompera e a França e a Alemanha, que arruinara os trabalhadores e os sujeitava à escravidão mais servil. Da guerra, do monstro impuro e destruidor, nasceu a Comuna de Paris toda impregnada do sonho do povo, das aspirações máximas dos trabalhadores. Foi, por Thiers, o feroz despota, sufocada em sangue essa tentativa admirável de reconstrução social. Hoje, que passa o 51.º aniversário desse gesto retintamente popular, dirigimos para os que lutaram com fé por melhores destinos dos homens, para os que baquearam na refrega, um pensamento pleno de ternura, procurando no seu exemplo o ânimo, incentivo que nos ajudará a vencer.

## Catequisemos as massas!

O período histórico que atravessamos é daqueles em que a luta de classes mais se afirma com a feição de irreversibilidade por parte da classe dominante. É uma luta que se verifica em todos os países onde o proletariado existe como organização de defesa e de combate aos redutos capitalistas.

A oposição da classe dominante afirma-se com toda a rudeza e nem já predominam certas afirmações de liberalismo político e anti-religioso, só se permitindo as afirmações progressivas no que estas possam ter de benéfico para o desenvolvimento especulativo, meramente capitalista, como manifestação de utilitarismo egoísta que mais força dê ao possuidor, como indivíduo ou como classe.

É assim que se verifica um recrudescimento do espírito de reacção às ideias de liberdade e a tudo quanto signifique uma real afirmação do progresso humano para estadios de superior perfeição, mas, sobretudo, que signifique uma afirmação libertária da emancipação da classe trabalhadora.

Que admira, pois, que a burguesia portuguesa, pequenina — como pequeno é o país — mas ousada, como a dos grandes países, procure, pelo seu órgão de predomínio político, o Estado, opor-se às mais simples, às mínimas reivindicações, económicas ou morais, do operariado?

Até há pouco ainda, quando se degladiavam os políticos pelas suas ambições e rivalidades, quando cada um procurava derrubar o competidor para lhe suceder no poder, quasi se esqueciam de que todos eram componentes duma mesma classe e eles, ou os seus órgãos na imprensa, arremessavam-se mutuamente acusações e injúrias. Mas com a guerra, ou mesmo antes, os homens do grande comércio e da grande industria, à custa de dinheiro, foram-se apoderando duma parte da imprensa, dos maiores colossos; e, jogando com as dissensões entre os políticos, foram-se robustecendo económica e financeiramente, causando mesmo esse estado de miséria em que o povo trabalhador se vem debatendo angustiosamente. E como a revolta se apoderava dos espíritos, mesmo dos mais fracos; como o povo, cheio já de sofrer, ia manifestando a disposição de se aproveitar da confusão entre os políticos para uma funda revindicta foram esses jornais dos grupos financeiros mudando de ramo e criando uma nova atmosfera, não fosse qualquer revolta política produzir fundas consequências económicas em que os seus interesses e privilégios ficassem mal feridos.

Nada, que tudo tem o seu limite! Era necessário que a vida política entrasse nos eixos constitucionais, ou que uma hábil ditadura fosse imposta, por forma que a unidade burguesa se robustecesse, a fim de fazer frente à onda popular que se ia elevando acima das naturais conveniências capitalistas.

Tem vencido o espírito de conservação, esse espírito inato em todas as criaturas, o a barreira pôde singrar nesta mar confusa em que os menos

### "O Seculo"

Bem prega Frei Tomás — A carência da vida e a pena de morte — O que este jornal diz e como ele procede para com os seus operários

É raro o dia que *O Seculo* não vem pregando aos quatros ventos contra a desenfreada ganância dos comerciantes e financeiros, dizendo que a vida se torna insuportável para toda a gente, pois que não há salário que chegue.

É esta uma verdade — talvez a única que é: tem dito nos 42 anos de existência, e que é confirmada pela grande maioria do país.

Mas o que tem feito para debelar ou atenuar este mal?

Tem simplesmente levantando campanhas com intuídos ressaltados e gananciosos, explorando tudo e todos a começar lá por casa e senão vejamos:

Enquanto diz no seu jornal com todo o descaramento — o que é verdade — que um chefe de família ganhando dez escudos, tendo 3 ou 4 filhos a sustentar, não pode passar da panela de feijão, não lhe sobejando alho para se vestir e calçar ou para se tratar quando doente; enquanto por esse mesmo motivo todas as empresas jornalísticas — ainda as mais pobres — têm nestes últimos meses aumentados os salários ao seu pessoal; a Empresa do jornal *O Seculo*, amais, que a mais tem explorado tudo e todos, e depois de ter aceitado uma organização operária assinada e reconhecida pela Federação do Livro e do jornal e Empresas Jornalísticas, em vez

### Comuna de Paris

Comemorando o aniversário da Comuna de Paris, a gloriosa primeira etapa da revolução proletária, realiza hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda, na Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.º, o Núcleo das Juventudes Comunistas de Lisboa.

### Trigo exótico

Começou ontem a descarga de um importante carregamento de trigo exótico, adquirido pelo governo e chegado ao Tejo no vapor grego *Makis*.

### Solidariedade

Realizando-se amanhã, pelas 20 horas, no Centro Espanhol, rua da Palma, 272, 1.º, a reunião em auxílio das camaradas estuacadoras António Pinto da Cruz e Joaquim Rodrigues, a comissão participa aos camaradas que levaram bilhetes para passar, que os considera vendidos.

### Trigo exótico

Começou ontem a descarga de um importante carregamento de trigo exótico, adquirido pelo governo e chegado ao Tejo no vapor grego *Makis*.

### Solidariedade

Realizando-se amanhã, pelas 20 horas, no Centro Espanhol, rua da Palma, 272, 1.º, a reunião em auxílio das camaradas estuacadoras António Pinto da Cruz e Joaquim Rodrigues, a comissão participa aos camaradas que levaram bilhetes para passar, que os considera vendidos.

### Trigo exótico

Começou ontem a descarga de um importante carregamento de trigo exótico, adquirido pelo governo e chegado ao Tejo no vapor grego *Makis*.

### Solidariedade

Realizando-se amanhã, pelas 20 horas, no Centro Espanhol, rua da Palma, 272, 1.º, a reunião em auxílio das camaradas estuacadoras António Pinto da Cruz e Joaquim Rodrigues, a comissão participa aos camaradas que levaram bilhetes para passar, que os considera vendidos.

## A ordem passa...

A manutenção de operários nos fortes, sem delicto justificado, constitui um crime contra a liberdade e significa o ódio que a república nutre pelos que trabalham

Os fortes do Campo Entrincheirado continuam cheios de operários que nem crime cometeram. Permanecem encarcerados nesses fortes as vítimas de uma perseguição injusta, as vítimas dessa desenfreada caça ao operário, que parece ser muito do agrado desta república de misérias e iniquidades. Podemos gritar, bem alto, para que todos os operários, para que nos oiga esse surdo sistema que é o governo, que esses operários não devem ser conservados nos fortes, nem mais um dia. Esses operários estão sofrendo os erros e os crimes desses bandos sinistros de aventureiros da política e da finança. Eles não fizeram desta terra uma arena onde se degladiam políticos, a tiro e a bomba, diante da população boquiaberta; eles não reduziram a miséria, à mais negra miséria, os consumidores; eles não praticaram delitos de nenhuma espécie, nem se envolveram em negociações escusas, nem colaboraram nesses desordens monstruosos, sem objectivo, que são as revoluções.

Os culpados da miséria e da pavorosa desordem deste país, não tem autoridade moral para conservarem presos operários, e principalmente operários que nenhum, absolutamente nenhum delicto cometeram.

Esta situação indecorosa, não pode, nem deve, por mais tempo manter-se. Os operários devem ser postos em liberdade. Além da violência inaceitável que constitui a sua prisão, eles não vivem do roubo legal que é o comércio, nem da desordem legal que é a política. Quer dizer que vivem honestamente e unicamente dos recursos que auferem pelo seu trabalho e quando trabalham. E com esses recursos, que eles sustentam o trabalho adveem, que eles sustentam suas mulheres e seus filhos. Está, portanto, a miséria instalada em muitos lares, visto que os que esses lares mantêm estão presos, isto é, privados simultaneamente da liberdade e de poder trabalhar.

Continuam os operários presos — porque? Esclareçamos que os autores das suas prisões o explicassem.

Será bom que eles não esqueçam que os operários presos pertencem a enorme legião dos trabalhadores a quem semelhante atentado ao direito de existir revolta profundamente.

Além da incalculável injustiça que constitui a sua detenção nos fortes, há ainda a acrescentar, a agravar mais o pavoroso rol destas iniquidades, a maneira excepcional como eles são tratados. No forte de S. Julião da Barra é-lhes violada a correspondência e, apesar das visitas serem às quartas e domingos, os operários, que já lá se encontram há

### O PROTESTO OPERARIO

Realizou-se ontem uma sessão de protesto

Promovida pelo Sindicato Unico da Construção Civil, realizou-se ontem uma sessão de protesto contra a atitude assumida pelo governo contra o proletariado.

Todos os oradores atacaram energicamente o governo a quem accusaram de obediência aos maneios e sugestões da Confederação Patronal. Referiram-se largamente às últimas perseguições salientando em termos vibrantes a feroz iniquidade que as caracteriza.

Igualmente combateram as forças vivas autoras da carestia da vida, da miséria e das perseguições sofridas pelos trabalhadores.

A assistência que era numerosa apoiou calorosamente os oradores.

No final foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º protestar energicamente contra o procedimento dos governos;

2.º protestar contra todas as iniquidades governamentais que a imprensa

## Contra a pena de morte

O proletariado consciente continua a manifestar a sua repulsa

Alguns factos para os apologistas da pena capital meditarem

min. A justiça tarda mas não falta, Antevio a reparação.

Um outro notifica a família: «Amanhã a estas horas não vivo mais. Também tinha de morrer um dia. Contudo, a causa de minha morte precisa ser esclarecida a bem do meu amor de próprio coração».

O tenente Pauland, o comandante da força que os fuzilou, de regresso, disse ao seu ordenança: «Diz-me a consciência que assassinámos seis inocentes».

Na sessão de 29 de janeiro último, conformando-se com as conclusões do advogado sr. Depojes, a Câmara Criminal da Corte de Cassação anulou as condenações de 1914 (isto é, as que nos referimos acima), sob o fundamento de que os condenados (as vítimas) longe de abandonar o posto, cumpriram ordens; e declarou reabilitada a memória dos seis soldados mortos.

Tardia reparação. Acaso haverá reparações que indenizem a perda de um pai?

Os defensores da pena de morte é que devem esponder...

A pena capital deve desaparecer para sempre; ninguém tem o direito de tirar aquilo que não pôde restituir ao seu dono.

(D.º O Trabalho de Curytiba.)

### As burles do "Século"

EM EXTREMOZ

O operariado não foi ouvido

EXTREMOZ, 14. — Entre o povo emancipado das igrejinhas politico-religiosas produziu má impressão a notícia dada pelo correspondente de *O Seculo* no seu inquérito em que diz ser Extremoz a favor da pena de morte. Com certeza o correspondente só ouviu as pessoas que tem interesses ligados às forças do "olho vivo", e esqueceu-se de estafar aquela parte da população que se estafava a labuta cotidiana para auferir a chofa fêria, também faz parte da população desta vila. — C.

Um grupo de jovens operários de Extremoz escreveu-nos protestando contra a notícia inserta no inquérito do *Século*.

### A QUESTÃO DA CARRIS

O aumento de tarifas

Nem o governo, nem a Câmara, nem a Companhia tem autoridade moral para prolongar a greve

A Companhia Carris é um potentado tão poderoso que nem o governo nem a Câmara Municipal lhe resistiram. Os seus mínimos desejos são prontamente satisfeitos por estas duas entidades.

Costuma a Companhia quando pretende obter qualquer aumento de tarifas, provocar conflitos com o pessoal, conflitos que obrigam este a defender-se por meio da única arma que tem ao seu alcance — a greve.

Assim, muitas vezes o pessoal, ao declarar-se em greve, julga que vai defender apenas a sua causa justa e, indiretamente, sem que disso se aperceba senão quando a Companhia alcança o seu objectivo, está servindo os interesses desse potentado igualmente feroz para o público e para o pessoal.

O aumento de tarifas que a Câmara acaba de conceder, com a cumplicidade do governo, atesta qual servidão as instituições burguesas, que se dizem fiéis intérpretes da vontade do povo. Esta questão da Carris é a prova flagrante, a confirmação plena do que há tanto tempo vimos dizendo: os governos não são os servos da alta finança, são o braço armado da burguesia para atacar o povo indolente.

O aumento de tarifas que a Companhia acaba de ver satisfeito representa um lucro de milhares de contos — uma perda de milhares de contos para o público. Em regra costuma a Companhia mascarar estas extorsões com as r. clamorações do pessoal, afirmando para cima deste todo o odioso. Hoje a desculpa não serve. O pessoal não reclamou dinheiro, reclamou justiça; por isso, todo o jogo, todas as manobras do roubo — porque foi um roubo que se praticou — ficaram a descoberto. Governo, Câmara e Companhia cobriram-se de lama. E são os defensores desta trindade porca, que negam a beleza moral à greve dos empregados da Carris!

A Companhia tem obrigação de atender imediatamente às reclamações de carácter moral formuladas pelos grevistas. Nem Governo, nem Câmara, nem Companhia, que se aproveitaram do sacrifício dos grevistas, tem autoridade moral para manter, por mais um minuto que seja, o conflito sem solução.

### QUESTÃO QUE RESSUSCITA

Senhorios na miséria...

Os proprietários manobram na sombra para que a lei do inquilinato seja alterada a seu favor

Volta-se a falar com certa insistência na velha questão do inquilinato. Questão complicada — que os governos sempre que lhe mexem mais complicam — havia muito tempo que não dava sinal de si. Não é porque os proprietários não trabalhem há muito, na sombra, para dar, de surpresa, um golpe nos inquilinos, mas porque as ocasiões não tem sido propícias e os inquilinos sempre alerta na defesa dos seus interesses, logo se agitam, não permitindo que os muitos abusos de hoje se transformem num escândalo geral, amanhã.

Começamos agora a ouvir falar novamente na questão. Os senhorios tem gente sua no parlamento, tem quem os defenda com unhas e dentes. E' preciso pois que os inquilinos estejam vigilantes, prontos a impedir qualquer extorsão maior do que as que habitualmente se fazem.

Se se mexesse na lei do inquilinato deveria ser para melhor salvaguardar os interesses do inquilino que tem ameaçados estão constantemente.

Todos os dias se cometem injustiças, todos os dias se salta por cima da lei e despedem iniquamente velhos inquilinos ou aumentam-se-lhes as rendas duma maneira brutal.

As autoridades colaboram fartamente nessas injustiças obrigando o pobre locatário a vir habitar para a praça pública ou a submeter-se à pesada renda, que muitas, das vezes quasi leva o salário, quando não o ultrapassa.

Já alguns jornais burgueses patentearam o seu queixume, o seu ódio pelos desgraçados dos senhorios que estão na miséria.

Os senhorios na miséria! Com que descaramento isto se diz!

Pois bem: se os senhorios estão na miséria como não estarão já os pobres inquilinos?

E' preciso acabar com as mistificações que se estão fazendo em torno da questão do inquilinato. Fala-se em alterar a lei. Que os inquilinos sigam com atenção as manobras dos proprietários para que a lei, a ser alterada, resulte mais uma garantia para o inquilino.

### Página escolhida

6 direito e a questão social

O homem regula a sua conduta pela sua concepção do mundo, pela sua concepção da vida, — incompleta e rudimentar que ela seja. A evolução humana é, pois, essencialmente — embora isso desagrade aos fanáticos do marxismo e aos apologistas da força bruta — uma evolução filosófica. A questão social não é uma simples questão material; é também e acima de tudo uma questão de consciência, é concepção cosmológica, de razão e de justiça. A questão intelectual, a questão filosófica domina-a e dá a sua chave.

O sentimento do direito é, efectivamente, a força motriz por excelência das sociedades humanas. No mundo humano, a força, a verdadeira força, a força soberana, a força específica é o direito. É ele que determina a norma das relações. É ele que arma a consciência moral do indivíduo. É ele que é o princípio orgânico da vida colectiva.

Mas o direito, como a ciência, tem a sua origem na razão humana. É a razão, força criadora, que faz nascer essas forças novas; é pela razão que elas aparecem no mundo. No que especialmente respeito ao homem a razão, pode dizer-se, cria a força.

Razão humana, razão viva e fecunda, razão criadora, que não deve confundir-se com a razão morta, gelada, absoluta, dos metafísicos, com a ideia imóvel de Platão.

Fora de dúvida, o instinto de justiça, o instinto do justo, existe antes de toda a razão discursiva, antes de toda a razão explicita. Mas, como disse Elise Reclus, «nunca o instinto, por mais sagaz e engenhoso, por mais repentista que seja, atingirá a compreensão vasta e luminosa das coisas que a razão elabora silenciosa e seguramente».

P. GILLE.

### Pro-pesos por questões sociais

Comissão Central

Reúne esta comissão hoje às 21 horas para apreciar assuntos que são da máxima urgência. Pedem-se a comparencia de todos os delegados.

Mais uma vez lembra aos organismos que nomeiem os seus delegados.

### TRABALHADORES, LEDE

A NOVELA VERMELHA

Propósito da questão da pena de morte escreve-nos o camarada Júlio de Matos, chamando-nos a atenção para um artigo reproduzido no *Despertar*, do Rio de Janeiro, em Setembro do ano findo.

O artigo é do seguinte teor:

A Corte de Cassação da República Francesa, na reunião de 29 de Janeiro último, tomou conhecimento de um processo doloroso de reparação «em memoriam» relativo ao fusilamento de seis soldados, nos fins de 1914.

A execução (o assassinato) teve lugar no dia seguinte, ao romper da madrugada; na véspera, a tarde, tiveram autorização de notificar as suas famílias que iam ser executados no dia seguinte.

«Eu», escrevia Blancher à sua esposa, — vou ser fusilado por uma razão, cuja causa, para minha consciência, não existe».

O cabo Floch era escravo de paz, em Bretenil-sur-Saône, no Euse, e os cinco soldados eram operários em Allier; todos eram casados; dois entre eles com filhos e tinham de 27 a 35 anos de idade. Um deles escreveu: «Não sei porque vou morrer. Juro pela França que sou vítima de um erro. Abraço-to, minha companheira; beija por mim nossos filhos. Incerto no animo deles que morro inocente».

Outro transmitiu à esposa a notícia: «Vou ser fusilado porque cumpri ordens. Não chores por mim».

### A Novela Vermelha

Júlio Quintinha, o apreciado autor dos *Vizinhos do Mar*, publicou na interessante colecção da *Novela Vermelha*, editada pela *Secção Editorial da Batalha*, uma novela encantadora, cujo titulo suggestivo — *Dor Vitoriosa* — excita a curiosidade do leitor.

*Dor Vitoriosa* que é o 10.º trabalho com que fecha a primeira série de *A Novela Vermelha*, encontra-se à venda na nossa administração, livrarias e tabacarias.

### Protestos individuais

Escreveram-nos, protestando contra a pena de morte, Silva Junior, de Coimbra e António Soares Nogueira, de Ficalho.

Na Provincia

O povo de Vimioso protesta também

VIMIOSO, 14. — Logo que foi conhecida aqui por intermédio do *A Batalha* a intenção do sr. Cunha Leal em restabelecer a pena de morte, o povo desta vila levantou o seu protesto contra essa monstruosidade, estando pronto a defender o direito dos oprimidos. — C.







# A BATALHA no Porto

Perseguições e violências policiais

PORTO, 16.-C. A chuva impetiva que tem caído acalmou um tanto os ânimos autoritários. Ou cansaram-se os belguins da ordem na lufalufal das prisões e brucelas, embora temporariamente, ou embasbacaram no tremendo fiasco que vem fazendo há duas semanas. Porque, feito balanço com toda a imparcialidade, apenas se constata este resultado negativo: a juntar-se ao *superavit* das inutilidades: perseguições desordenadas que mais irritaram as consciências dos homens livres.

Na entretanto, é preciso que se não deixe de registrar esta fúria policial, que não é inédita, pelo menos não é muito vulgar.

O caso passou-se no concelho vizinho, nos passos da civilizada cidade do Porto. Em Gaia, na Avenida da República, antigamente Campos Henriques, existe um núcleo de jovens sindicalistas, cheios de ideal, cheios de entusiasmo. Mas a sua fé, o seu ideal e o seu entusiasmo não os levam ao ponto de colocar ou lançar bombas seja onde Mr. Querendo uma remodelação completa desta sociedade onde só impera o privilégio, a ociosidade, a injustiça e a tirania, esses jovens sindicalistas entendem que essa transformação será tanto mais segura, rápida e perfeita, quanto maior for o grau de instrução e educação dos que povos possuíam. Farolizados por este pensamento, fundaram uma escola para a infância, para a juventude, orientando-a, dentro das possibilidades da sua inteligência e dos seus conhecimentos, pelos moldes, mais ou menos aproximados, usados no sistema de Ferrer, este mesmo de que os republicanos se serviram para fazer mais semanas de propaganda antirrepublicana e anti-dinástica.

Os terríveis jovens suportam, com satisfação, todas as despesas, incluindo as feitas com papel, lapis, tintas, louças, etc., que distribuem aos alunos, que preferem estar nesta escola de *ludistas* a frequentarem as aulas de crendices religiosas ou laicas. Pois, meus amigos, desde do núcleo daquela rapaziada, que se encontram com a instrução e a educação em vez de ir para as tabernas ou para as missas, coisa que o regime de *liberdade* talvez preferisse; a sede da escola que quer ajudar a matar os 85% de analfabetos da República, foi assaltada pela polícia de Gaia, muito solícita em querer descobrir ninhos de bombas...

Mag, segundo os informes, essa assalada foi feita semelhançamente à usada pelos racioneiros; não avisaram, os policiais, os membros do núcleo, da escola, os donos da casa, realizando a busca na sua frente. Foram - baseando-nos sempre nas informações fornecidas - pela calada da noite, quando não estava lá ninguém, entrando pelas janelas ou por onde se entrava furtivamente, com a complicitade de algum ou dois...

protestar contra esta infâmia sem nome, contra este atentado, com rarismos precedentes, à inviolabilidade do domicílio, contra o furioso esfrangalhamento das chamadas leis da república, subleamos que foi um dos jovens sindicalistas junto do chefe da polícia de Gaia, que, enfim, disse não ter ordenado tal escalada, por ser isso contra a Constituição, aquela mesmo que, na nossa frente, disseram não ser muito respeitada... É claro que não ia dizer que sim...

Felizmente que não estavam lá os pedreiros, nem ninguém lá os colocou. Mas, em todo o caso, a face do que vemos, apetece-nos gritar, não de *da guarda* por falta de devida confiança, mas - *Aux armes citoyens!* - entoando a marcialidade das nossas liberdades perdidas...

Tudo isto promete, não há dúvida...

## A U. S. O. e os acontecimentos

Uma comissão nomeada na última reunião federal da U. S. O., avistou-se ontem com o chefe do distrito, a fim de reclamar a reabertura das sedes dos Sindicatos Unidos da Construção Civil e Mobiliário, bem como a libertação dos presos que ainda restam na cadeia do Aljube. Como era de esperar, na ex.ª apresentou as suas desculpas e a sua boa vontade, afirmando, no entanto, que tudo quanto pediam os comissionados estava dependente dos

resultados finais das prolongadas averiguações a que se está procedendo. Alguém fez sentir ao ilustre governador civil, - que, segundo dizem, pela nova organização da P. D. S., deve ser chefe da P. S. E. - que incomunicável e sem culpa formada estão esses presos há mais de oito dias, apontando, muito ingenuamente, como às vezes costumamos também fazer, que essa arbitrariedade é um duro golpe vibrado na já esfaqueada Constituição desta república de operetas. Mas o sr. Adriano Pimenta, que é uma autoridade que não se desconcerta, respondeu que também inconstitucional é o lançamento de bombas, ao que a comissão, igualmente serena no seu raciocínio, obtemperou que raríssimos conscientes jamais poderiam lançar bombas, principalmente num jardim vigiado por sentinelas e em frente ao Aljube, com quintais de oficiais da guarda republicana e em edifícios onde residem apenas senhoras idosas...

Como se justifica isso? O chefe do distrito compreendeu o alcance, porque não é tolo, e fez questão da conjugação *justifica*, que a queria substituída pela conjugação *prova*, apresentando como reforço o facto da explosão de petardos em casa de mestres...

a contraporem-se às bombas do jardim e dos quintais. Ainda assim, alguém do lado disse, muito incoerentemente - mas, caso curioso, aqueles petardos nunca estouraram e quando rebentam são inofensivos...

Quer-se dizer com isto que o operariado não é dinamitista e a *justificação* e a *prova* estão nas greves dos tipógrafos, dos metalúrgicos, dos operários de mobiliário, etc., que decorrem pacificamente. As bombas são um mistério, que vem de longe, do tempo das chuchas...

A entrevista terminou pelo chefe do distrito garantir que por toda esta semana ficaria arrumada a questão, restituindo à liberdade os inocentes e mandando reabrir os organismos operários encerrados - como satisfação ao que, por ironia, se chama Constituição da República.

Veremos o valor da palavra dada...

## E a vida agrava-se e a desordem aumenta...

Os protestos contra a incompetência dos dirigentes e contra os autênticos *indesejáveis* que agitam a humanidade sofradora, chegam de todos a parte. Enquanto o operariado, em parte, platinamente, ergue a sua voz para verbalmente, as perseguições aciniosas que se vem exercendo à sombra da enganação pacificadora da família portuguesa, a própria imprensa mercantilista insustentavelmente vem afirmando que de dia para dia os *gêneros* sobem de preço, não dando os gananciosos e exploradores ao consumidor um momento de folga, porquese julgam ainda pobres, e aumentam, os preços sem um rebate de consciência nem um remorso, embora tardio. Depois, o diário mais popular do norte, categoricamente declarara que as câmaras legislativas o tempo tem chegado para tudo, para *apartes* ruidosos, para discursos inflamados e para a intriga política, menos para reprimir a a especulação, para evitar o contrabando para Espanha e para melhorar os *cambios*. «Apelam para as baionetas em vez de chamarem o bom critério e a competência para o resgate económico da nacionalidade».

São os depolimentos mais eloquentes feitos a favor do operariado, dos seus movimentos de reivindicação económica, das suas possíveis revoltas contra todas vexações do comércio, da indústria e da finança. Contudo, as autoridades, que devem ler aqueles pedaços de prosa impregnados de mais ou menos indignação, em vez de compelirem os falcateiros, os insatisfeitos da ganância, os exploradores da miséria pública, a *morigerarem* os seus lucros demasiados, não desequilibrando mais o que já de si está desequilibrado, empregam toda a sua acção em perseguir o operariado que reclama uma melhoria de situação nos ordenados, que são, afinal, destinados a cobrirem as despesas de o merecerem, o senhorio, o pai-deir, hortaleira, leiteira, etc., exagerando escandalosamente.

Apelam para as baionetas e não para o critério e para a competência, porque gostam da intriga, dos *apartes* e dos discursos...

## E todavia, os movimentos grevistas aumentam de intensidade

E todavia, os movimentos grevistas aumentam de intensidade. Na especialidade de ferro, declararam-se mais em greve as casas Von Hafe e Sautelle, sendo presos, por *instigações*, Saul de Sousa e Luis Teixeira da Rocha, por pedirem para o respectivo pessoal aumento de ordenado e aconselharem os seus camaradas a reivindicá-lo. Só no tempo da monarquia é que os republicanos podiam aliciar o povo para a revolução. Na indústria de sapataria foi proclamada a greve parcial, principiando nas fábricas *A Portugal* e *Norte América*. Apesar de não haver que justificasse, a não ser a greve pacífica, foram presos três grevistas, pelo que foi lavrado, pelos seus colegas reunidos, um protesto veemente.

Os operários colchoeiros igualmente estão em luta, havendo industriais que aderiram às reclamações do Sindicato e outros que só oferecem 30%. Quanto às greves dos operários de plantar mobiliário e tipógrafos, prosseguem inalteravelmente.

Isto quer dizer que nem os presos, nem as ameaças, nem as *chuchas* são capazes de impedir a luta pela existência, a luta contra a opressão. Foi sempre assim, será sempre assim.

## O Sindicato Único da Construção Civil e o caso das bombas

A Comissão Administrativa do Sindicato Único da Construção Civil tem efectuado diligências a propósito das bombas apreendidas na sede do dito organismo, no intuito de ver se desvende um pouco o mistério que sobre o caso se envolve. Na sua reunião de ontem, e em harmonia com o que tem sabido acerca do ocorrido, resolveu tomar público o seguinte, em consequência das autoridades continuarem a manter encerrado o Sindicato e a posses camaradas que só tem o crime de serem operários organizados e conscientes:

1.ª - Informar a opinião pública de que, segundo as averiguações feitas por alguns seus sócios sobre o aparecimento de bombas na sua sede, cada vez mais estamos convictos de que o aparecimento de semelhante achado se deve a alguém que tem fim interesse em prejudicar o movimento da construção civil.

2.ª - Declarar que continuará nas suas investigações, até que possa demonstrar a inanidade das acusações feitas aos seus camaradas presos, provando de quem pariu a *vitã* das bombas apreendidas.

3.ª - Lastimar que a polícia teime em ver «bombistas» em operários que só desejam melhorar as suas condições económicas em que se encontram, enquanto que deixa à vontade aqueles a quem interessava o fracasso das reclamações da construção civil.

4.ª - Protestar contra o facto de ainda se encontrar encerrada a sua sede, com prejuízo dos alunos que mantêm nas suas escolas, quando a polícia já teve muito tempo de rebucar todos os cantos da mesma sede e de verificar o que de anormal lá existisse.

## Associação dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar

Reuniu a direcção da Associação dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar, tratando de assuntos referentes ao desenvolvimento sindical e ao levantamento geral da classe. Como no dia 20 do corrente mês termina o prazo dado por uma assembleia geral para que todos aqueles que estão em débito para com a Associação apresentem as respectivas quantias, a mesma direcção previne todos os camaradas que estão nessas condições a que liquidem as suas contas até ao mencionado dia. Tanto os corpos gerentes como a comissão de melhoramentos tem trabalhos entre outros referentes à revisão de tabelas de preços, à criação da Caixa de Solidariedade e à remodelação dos presentes estatutos. Ora justo é que toda a classe, que lucra imenso com a realização destes melhoramentos, se interesse também pelo seu estudo e impulso.

E' conscia que serão tomadas as suas palavras na devida consideração, que a direcção daquele organismo sindical previne os camaradas em débito que se ponham em dia com a sua associação.

Ficou resolvido também convocar-se para domingo, 19 do corrente, uma assembleia geral, a fim de se dar início aos primeiros preparativos para estudo dos referidos trabalhos. A assembleia começa às 10 horas prefixas da manhã.

# A BATALHA Teatros

Primeiras

TEATRO POLITEAMA. — A casaca encarnada — por Victoriano Braga.

A casaca encarnada é já a quinta peça que conhecemos de Victoriano Braga. Iniciando a sua vida teatral com a *Bi de colaboração* com João de Vasconcelos e Si, começou desde logo a deixar-se admirar por uma prática da vida e do desenvolvimento da cultura mental haviam de formar mais sólidas, desde que corrigisse defeitos e crisse essa expressão natural de crítica, que iam necessária vai semio no teatro contemporâneo, as pessoas que nas suas obras não querem reincident no lugar comum que banalmente se tem vindo repetindo, cortando as azas ao livre xame e não saindo propositadamente a benevolência com que muitos escritores acolhem os erros persistentes não encontrando pela frente uma grande resistência, estabelecem com uma grande facilidade.

Victoriano Braga limita-se, por enquanto, a arrancar da vida essas exigências a quem uma tara disforme e telonosa não abandona, na sua âncora de generativa.

Sabe descobrir-lhes, com olhos desorientadores, a imundície das suas almas, mas não chegou ainda à conclusão tanto quanto possível acertada, de substituir os anacronismos sociais dos seus temperamentos enternecidos, por aspectos morais, que não se limitem a reabilitar ou a purificar esses corações e esses cérebros falhados, mas que, numa aspiração mais extensa, os conduza a um fim colectivo, que, separando-os dum individualismo deleterio, os ponha francamente ao serviço da sociedade, com todos os recursos das suas inteligências, com todos os ardor das suas vontades.

Vejo bem que o autor de *A casaca encarnada* ensaia vantajosamente o voo e não vem distante o dia em que a sua pena, posta ao serviço de causas justas, confundirá os *sobos* e os *maus*, estranhará os preconceituosos, duma maneira geral crítica, pela frase contumeliosa e pela palavra demolidora, mundos de ideias novas e horizontes principiosos e sinceramente estáveis, porque os não corrompe a mentira do convencionalismo, nem os falseia a teia do embuste.

A *Casaca encarnada* começa a realizar um teatro de mais verdade, sacudindo costumeiras, e pondo a claro temperamentos sólidos, sem exteriorização de falsas moralidades.

O simbolismo em que *A casaca encarnada* nos faz atentos, assenta muito bem nas pessoas a quem ataca o desvario da grandeza, movimentando em volta as ambições humanas e as contradicções sociais.

Victoriano Braga, contudo, tem de sair da sua isolada acção de demolir e entrar também na fase construtiva punindo o que existe de mau e indicando o que deve ser colocado em seu lugar. Quando assim proceder, terá realizado uma boa obra, não só de depuração mas de construtividade.

Do desempenho da peça, Erico Braga, festejado da noite, explicou-nos a mesma fisionomia, a mesma da vida e da percepção, cuidando carinhosamente dos lanços mais difíceis do personagem. Ribeiro Lopes foi um fidalgo *sans peur et sans reproche*, severo mas bondoso, constituindo a significativa excepção, que, desmente, no dizer do autor da peça, a afirmação de que todos os fidalgos são burros.

Multíssimo bem Brunilde-Caruson, digão elegante, desembaraço composto de maneiras, mobilidade espontânea de fisionomia e agradável expressão de olhar. Lucília Simões, senhora como sempre do seu papel; Mário Santos, Calazans e mais pessoas que na peça entram, regularmente.

DEMOCRITO.

# A BATALHA NA PROVINCIA NOS ARREDORES

Cacém

Morto pelo comboio

O comboio 1320 que aqui chega às 19,49, colheu ontem, nas agulhas desta estação, um indivíduo que apresentava ter 50 anos, cauleiro, e conhecido aqui por João dos Bolos.

O capote que o infeliz trazia pelos ombros foi preso no cabecote da locomotiva até Lisboa-Rosário.

O cadáver, depois de ter comparcido o sub-delegado de saúde de Sintra, foi removido numa carroça para o cemitério de Belas. — C.

## Policlínica d'Alcântara

Inaugura-se na próxima segunda-feira em Alcântara, na rua Torre da Polvorosa, 6, uma policlínica para as classes pobres. Os seus fundadores tiveram a gentileza de nos enviar 8 cartões para consultas gratuitas a criaturas pobres moradoras no bairro de Alcântara. Agradecemos.

## A "delicadeza" policial

Um polícia é agredido por um colega à sabrada

O guarda da polícia n.º 261 da 10.ª esquadra, Joaquim Pereira, de 34 anos, natural de Leiria e residente na rua de Campolide, 386, 1.º, que anda ao serviço de vigilância das caixas de secções da Companhia Carris de Ferro que se encontram colocadas em várias ruas, pelo que traja à paisana, devia esta madrugada entrar nesse serviço às 5 horas. Passou por volta das 4.30 à porta da 23.ª esquadra (em Bemfica) para ver as horas, parou junto da porta da referida esquadra aproximando-se de um candieiro de iluminação pública.

Isso deu motivo a que o referido guarda se tornasse suspeito e por isso a sentinela sem mais explicações puchou pelo terço e deu-lhe umas poucas de escaleiradas que o deixaram contuso nas costas e com um dedo da mão esquerda fraturado. Conduzido ao hospital de S. José foi no banco operado pelos drs. sr. Pinto Coelho, José Parades e Vasco de Lacerda, recolhendo depois à sala de observações.

## Atropelada por um automóvel

Recebeu curativo no posto de Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, Maria da Conceição Pimenta, de 40 anos, costureira, e residente na rua Luciano Cordeiro, 12, 3.º, que na Avenida da Liberdade, foi atropelada pelo automóvel, S. 80, guiado pelo chauffeur João Gomes Pereira, ficando contusa no pé direito.

## Reclames dos operários

Na enfermaria de S. Alberto do hospital de S. José, onde ontem entrara Manuel Ferreira, de 68 anos, pedreiro, natural de Arona e residente no pálio dos Inglesinhos aos Olivais, que na fábrica dos Ingleses em Braco de Prata deu uma queda ficando contuso no corpo.

## Combios

Libra esterlina..... 524000 544000  
Paris..... 8961 18014  
Italia..... 8538 8596  
Belgica..... 2891 8557  
Suiza..... 28035 28037  
Espanha..... 18673 18701  
Berlim..... 8041 8045  
Holanda..... 4861 4868  
New-York..... 104738 114350

## Angelina Cruz

Deseja-te muitas felicidades. P. C. S.

## Motores de explosão

Encontra-se à venda na Secção de Livraria de *A Batalha*, a 3.ª edição desta magnifica obra, Preço 6550. Pelo correio registada 6590.

## Trabalhadores. Lede e propagai

A BATALHA

# BREVEMENTE

## Inauguração da Secção de Calçado

Havaneza do Sacramento

O proprietário desta casa, António de Sá Junior, que é um dos muitos amigos de *A Batalha*, aconselha o povo a procurar os seus estabelecimentos, pois que se encontra a disposição de combater os assombrosos.

As trabalhadoras organizadas, mediante apresentação da caderneta sindical, terão há um desconto de 500, e mais 100 para o jornal *A Batalha*.

As cooperativas que se tornem responsáveis pelo pagamento dos seus socos, no prazo de 5 meses, terão as seguintes descontos:

1.º 500 para a cooperativa  
2.º 500 para o sócio  
3.º 100 para *A Batalha*

N.º B.º O fornecimento a 6 meses, por enquanto, só se refere ao calçado.

Todos os outros artigos tem o desconto de 500 para os socos das cooperativas e sindicatos, e 100 para *A Batalha*, a pronto pagamento, exceptuando jornais, livros, ilustrações, tabaco nacional e flores.

Estas condições vigoram também nas seguintes casas:

## Tabacaria Condes

Havaneza do Carmo

Associação de Socorros Mútuos

Bacelar e Silva

Coavoco a assembleia geral para o dia 20 de Março de 1922, pelas 20 horas, na rua dos Lagares, n.º 26, 1.º D., a fim de discutir e votar o relatório da direcção e parecer do conselho fiscal referente ao ano findo, com discussões e votações.

N.º B.º Não restando por falta de número de sócios fidei desde já a mesma convocada para o dia 29, a mesma hora e na mesma sede. Todos os documentos, bem como o relatório, estão pautados na sede todos os dias úteis pelo espaço de 15 dias, das 10 às 18 horas. — Lisboa, 16 de Março de 1922. — O presidente da mesa, José L. Ferreira.

## O FUTURO

Sede: — Rua dos Lagares, n.º 26, 1.º D.

## Banco de carpinteiro

VENDE-SE com ferramenta. Rua da Fonte Santa, 90. Augusto Ferro-velho.

## "Peroxydril"

A melhor água oxigenada. A venda em todas as farmácias e drogarias. Fabricantes: Bandeira de Melo, Lda.

## Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

HORÁRIO DOS COMBÓIOS

Paragem dos combóios n.º 202 e 207 em Bemfica

Desde 14 do corrente e até anúncio em contrário, o combóio n.º 202, que chega a Lisboa-Rosário às 10.50, e o n.º 207, que parte de Lisboa-Rosário às 17.10, terão 30 segundos de paragem na estação de Bemfica para serviço de passageiros, sem qualquer registado.

A hora de passagem destes combóios na estação de Bemfica é a seguinte:

Combóio n.º 202, às 10.53  
Combóio n.º 207, às 17.20

Lisboa, 15 de Março de 1922.  
O director geral da Companhia (n) Ferreira de Mesquita

## Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Venda em leilão de uma porção de lenha abandonada na estação de Bairores

Faz-se publico que, no dia 19 do corrente, pelas 11 horas e na estação de Bairores, procederá-se ao leilão de uma porção de lenha de madeira, de acordo com os regulamentos em vigor, de uma porção de lenha de madeira, abandonada, com o peso de 200 toneladas aproximadamente.

A arrematação será feita a quem maior lance oferecer sobre a base de licitação de 2000 por cada tonelada, que posteriormente for verificada, em respectiva presença, que ficará a cargo do comprador.

O arrematante depositará após o leilão 20%, da importância aproximada da venda, cuja quantia será-lhe restituída depois da retirada da mercadoria.

Lisboa, 14 de Março de 1922.  
O chefe do serviço do tráfego. — J. V. da Bogaça Lima.

# Relatório do delegado dos I. W. W. (Trabalhadores Industriais do Mundo) ao Congresso de Moscú

em casos desta natureza, e consequentemente nenhum delegado deveria exportar-se a casos especiais. Declararei aqui que todos os delegados que tomaram parte nas conferências se opuseram rigorosamente às táticas e aos processos da maioria comunista. Toda a história das conferências da minoria com as suas muitas horas de debate, seria demasiado longa para lhe citar aqui os pequenos detalhes, além de que muita coisa não merece a pena publicar-se. O fim do congresso fez com que muitos dos delegados sindicalistas o abandonassem antes de qualquer coisa ser resolvida, deixando os restantes delegados ainda mais na incerteza quanto ao programa que definitivamente seria adoptado.

## Duas propostas

Considerando que todos os trabalhos do congresso, se basearam principalmente nas duas propostas seguintes:

Primeiro: «Renunciar inteiramente a I. S. V. como Internacional económica; por estar completamente sob o «controle» da Terceira Internacional, e publicar um convite para uma nova Internacional».

Segundo: «Sendo verdade que enquanto que o Primeiro Congresso da Internacional Vermelha era dominado pelos comunistas, não houve o correcto procedimento de abandonar a I. S. V. nem o esforço necessário para estabelecer uma nova Internacional; teria sido melhor ter permanecido no congresso e com uma bem organizada minoria lutar contra o «controle» da facção política».

Aqueles que aprovavam a segunda proposta argumentavam que duma tentativa para criar uma nova Internacional resultaria uma grande confusão na situação operária revolucionária que se manifestava nas grandes controvérsias que ocasionariam perdas irreparáveis no movimento operário para internacionalizar o trabalho. Seria melhor, diziam os defensores da segunda proposta, ficar dentro da Internacional S. V., com o seu «controle» comunista e combatê-lo ali em vez de se começar o longo período de organizar uma nova Internacional. Era tal a influência psicológica de Moscú sobre

## As minorias agitam-se

A maioria dos delegados sindicalistas esforçavam-se em realizar reuniões das minorias pela extrema necessidade de definirem a sua situação. Mas enquanto a maioria dos sindicalistas hesitaram em se colocarem na oposição, foram forçados a, pelo menos, tentar pôr em cheque o que evidentemente era uma deliberada «sabotagem» dos comunistas à formação duma Internacional económica. Foi quasi no fim do congresso que os sindicalistas pensaram em

se unir, realizando apenas duas reuniões antes de terminado o congresso, sendo algumas outras realizadas depois.

A situação em que os sindicalistas se colocaram era de molde a chamar as atenções. Os elementos comunistas no congresso, além de estarem inclinados a adoptar um programa que destruísse as mais pequenas organizações operárias revolucionárias e a colocar a Internacional Vermelha sob o domínio completo da Terceira Internacional foram anunciando ao mundo de que no congresso prevalecia uma opinião unânime sobre todos os pontos em discussão. A única forma pela qual a oposição sindicalista se podia desembaraçar desta falsa posição era realizar conferências e definir o seu programa às várias organizações operárias revolucionárias do mundo.

Estas conferências não deram todos os resultados desejados, por muitas razões. Havia a dificuldade da língua, que tornou quasi impossível o compreensão-se uns aos outros. Foi difícil arranjar tradutores e os poucos que havia nem sempre podiam comparecer. Bastantes vezes nos encontramos sem o auxílio do tradutor.

Além das dificuldades da língua havia uma divergência de opiniões entre os delegados, quanto ao caminho a seguir. Alguns (antes de terminado o congresso) eram a favor de um imediato abandono das sessões como protesto contra os métodos de arrolar a vapora do Partido Comunista. Argumentavam que era inútil ficar, assistindo a um debate sem esperanças e sempre na presença de uma inevitável derrota. Outros defendiam o direito de assistir ao congresso e de se oporem à maioria comunista como uma minoria organizada. Mais tarde, depois do congresso, realizaram-se algumas conferências num desejo de chegar a um acordo antes dos delegados partirem, mas, enquanto se faziam algumas declarações para serem assinadas por todos, viu-se que era impossível chegar a um acordo para definir uma linha de acção. Sem dúvida que isto era natural, porque a participação nas conferências da minoria fora das sessões regulares do congresso, era uma coisa imprevisível e nenhum dos delegados sindicalistas tinham poderes para agir, em nome das organizações,



